



**NIETZSCHE E O AMOR FATI COMO ADESÃO INCONDICIONAL AO EXISTIR  
NIETZSCHE AND AMOR FATI AS UNCONDITIONAL ADHERENCE TO  
EXISTENCE**

**Renato Nunes Bittencourt<sup>1</sup>**

**RESUMO:** O texto estabelece uma conexão entre a tragicidade do Amor Fati conceituado por Nietzsche e uma possível aplicação dessa experiência nas relações amorosas desprovidas de traços sufocantes contra as pessoas envolvidas nessa dinâmica. O Amor Fati aprova a pessoa como ela é e não como gostaríamos que ela fosse.

**Palavras-Chave:** Amor Fati; Imanência; Tragicidade; Relacionamentos.

**ABSTRACT:** The text establishes a connection between the tragicity of Amor Fati conceptualized by Nietzsche and a possible application of this experience in love relationships devoid of suffocating traits against the people involved in this dynamic. Amor Fati approves of the person as he is and not as we would like him to be.

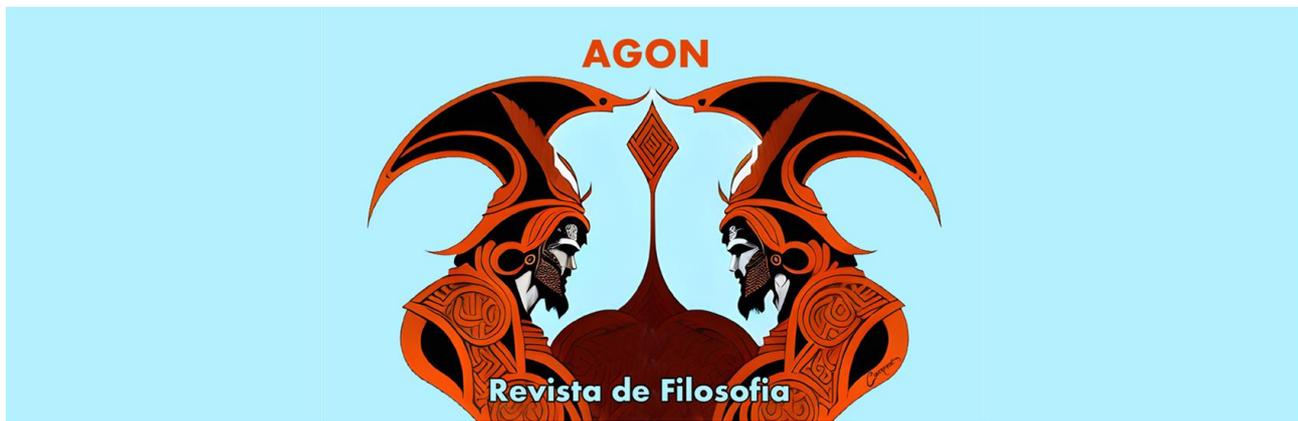
**Keywords:** Amor Fati; Immanence; Tragicity; Relationships.

## **INTRODUÇÃO**

Nietzsche, filósofo da intensidade dos afetos alegres e ativos, jamais descurou de abordar a experiência imanente e qualitativa do amor nos seus escritos. Mais do que analisar aqui os impactos do amor relacional na subjetividade humana, trataremos no momento em investigar as disposições éticas e axiológicas do conceito de Amor Fati em sua filosofia com seu inerente enraizamento na perspectiva trágica da existência, Amor Fati como amor ao destino, amor aos fatos tal como eles são, amor ao mundo como ele é em suas contradições. Com efeito, se compreendemos o Amor Fati como uma experiência subjacente ao nosso

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ/Professor do Curso de Administração da FACC-UFRJ. E-mail: [renatonunesbittencourt@gmail.com](mailto:renatonunesbittencourt@gmail.com)



modo de vida para além de qualquer determinação normativa e moralista em relação ao existir, então a pletora das nossas vivências são ressignificadas e fruídas como necessárias, para além de qualquer nuance moralista ou objetora em relação ao mundo. A vida pessoal de Nietzsche foi marcada por uma crônica solidão amorosa, e sua desilusão com Lou Andreas-Salomé é considerada o marco de sua pretensa inaptidão para o desenvolvimento de uma sólida experiência afetiva. É usual que interpretações superficiais acerca do pensamento de Nietzsche defendam a tese de que nosso filósofo, cuja vida afetiva foi um fracasso (conforme os preceitos burgueses da estruturação familiar), somente redigiu páginas amargas sobre as relações amorosas em decorrência dessa triste situação, e que se porventura fosse um homem bem sucedido na experiência conjugal teria talvez atenuado suas críticas aos signos amorosos e ao espírito de vida familiar. A nossa proposta nesse texto é demonstrar que o fato de Nietzsche optar por uma existência de solidão amorosa não significa que inexista no conjunto de sua obra indícios que apontem uma maneira diferente de interpretar a questão do amor em sua filosofia, rechaçando-se assim o senso comum que tanto obscurece a compreensão de seu intenso pensamento a partir de perspectivas reducionistas e unilaterais típicas do filisteu autocentrado que jamais deixa sua zona de conforto moral.

## **DO DIONISÍACO AO AMOR FATI**

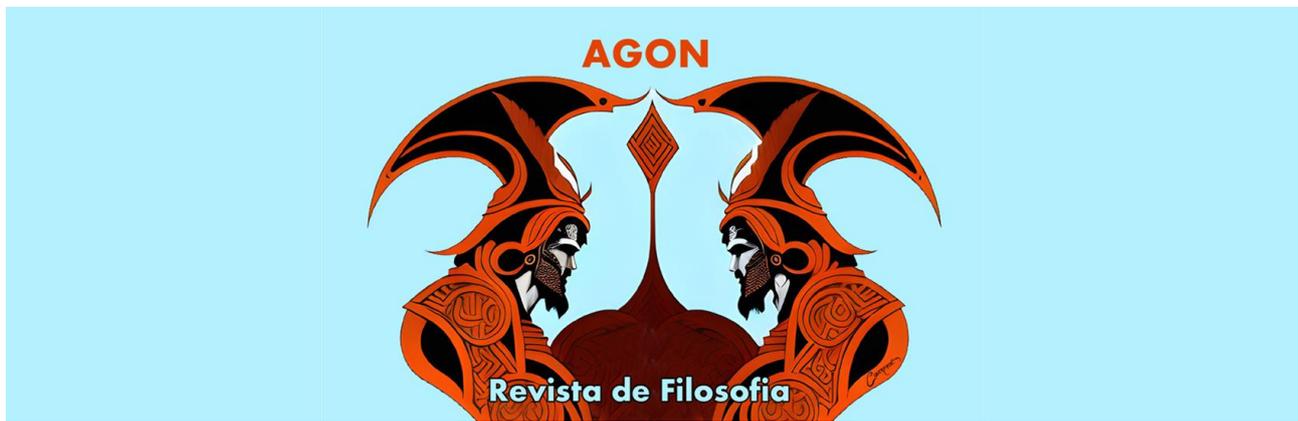
Grande crítico das instituições fundamentais da organizacional civilizacional do mundo ocidental, Nietzsche elaborou incisivas investigações sobre as motivações psicológicas subjacentes nas relações humanas, realizando uma competente desmistificação das suas particularidades mais recônditas. Ao analisar as bases moralistas antinaturais que normatizam as ações humanas e que determinam padrões comportamentais que domesticam a espontaneidade pessoal, a filosofia nietzschiana contribui para a formação de



um projeto axiológico imanente que afirma a dignidade da vida em todas as suas contradições e problemas. Nesse contexto, apesar de Nietzsche não abordar de maneira sistemática a questão do amor, foco de nosso presente texto, todavia encontramos no conjunto de sua obra belíssimas contribuições para a reflexão sobre tal tema que abordaremos nas linhas a seguir, sem que façamos uma problematização exaustiva, impossível em tal singelo texto. Nietzsche constitui a sua filosofia trágica a partir do princípio dionisíaco de afirmação incondicional da existência mesmo na dor e na morte, pois haveria uma vida eterna para além da mera individualidade, limitada pelo espaço e pelo tempo:

Sob a magia do dionisíaco torna a selar-se não apenas o laço de pessoa a pessoa, mas também a natureza alheada, inamistosa ou subjugada volta a celebrar a festa de reconciliação com seu filho perdido, o homem. Espontaneamente oferece a terra as suas dádivas e pacificamente se achegam as feras da montanha e do deserto. O carro de Dionísio está coberto de flores e grinaldas: sob o seu jugo avançam o tigre e a pantera. Se se transmuta em pintura o jubiloso hino beethoveniano à Alegria e se não se refreia a força de imaginação, quando milhões de seres frementes se espojam no pó, então é possível acercar-se do dionisíaco. Agora o escravo é homem livre, agora se rompem todas as rígidas e hostis delimitações que a necessidade, a arbitrariedade ou a “moda impudente” estabeleceram entre os homens. Agora, graças ao evangelho da harmonia universal, cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com o seu próximo, mas um só, como se o véu de Maia tivesse sido rasgado e, reduzido a tiras, esvoaçasse diante do uno primordial. (NIETZSCHE, 1996, p. 31).

A relação amorosa pode ser considerada uma experiência dionisíaca, pois quando se conquista a intensidade do amor ocorre uma fusão interpessoal na qual os parceiros se fundem como que em um só ser. O amor é êxtase, pois dissolve a individualidade pessoal corriqueira que mantém a pessoa aprisionada nos limites de sua própria subjetividade. Nessa experiência libertadora, a intensidade amorosa faz com que a pessoa se dissolva



momentaneamente na imanência do ser amado e vice-versa. O amor é extravagância existencial, pois as pessoas vivenciam a loucura da paixão sem a vergonha que tanto impede o florescimento da singularidade. O amor é embasado pela alegria, pois é tal afeto que empodera os sujeitos amorosos e lhes dá força para construir uma história de vida em comunhão, concedendo novos significados para a realidade circundante. O dionisíaco não é apenas a dissolução individual e a imersão pessoal no devir, mas também a capacidade simbólica de se transformar a existência pelos afetos tonificantes que retiram a pessoa da sua vida comum, banal. Por isso a vivência do amor modifica radicalmente o sujeito e dissolvem toda malha instrumentalizada de sua existência prosaica, sempre comprometida com a eficácia, com o desempenho, com o culto da performance. Obviamente há aqueles que vivenciam as relações amorosas sob os parâmetros da quantidade, o que não é objetável, pois cada pessoa pode encontrar o melhor para si da maneira que considerar mais razoável. Todavia, essa experimentação quantitativa não é dionisíaca, não é trágica, é simplesmente expressão de um anseio hedonista pelo prazer muitas vezes desprovido de qualquer contraponto. Amar de maneira dionisíaca é abrir-se para o risco de sofrer, e o homem de consciência administrada teme o impacto da dor que prejudica a sua atuação profissional nas esferas organizacionais.

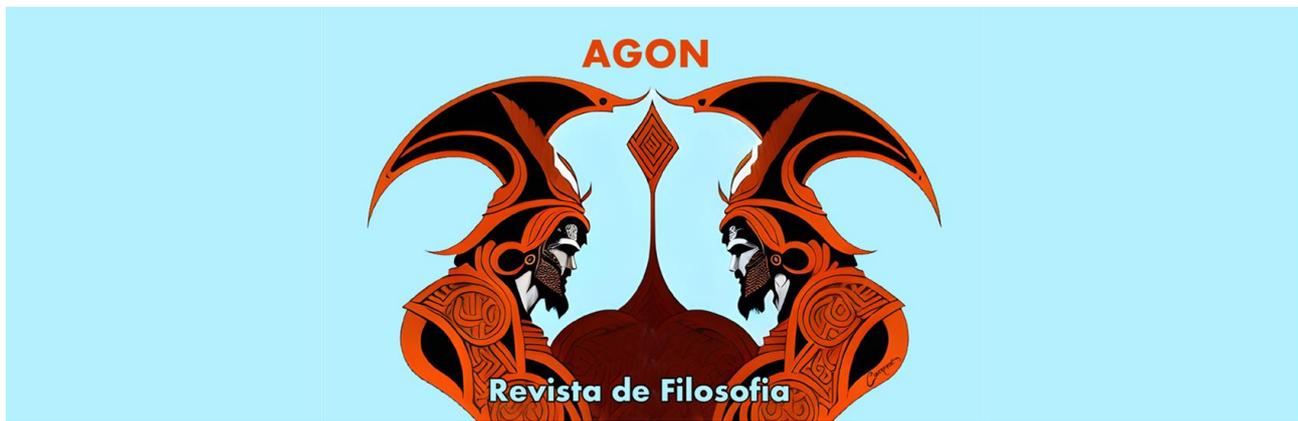
O conceito de Amor Fati é fundamental para compreendermos a tragicidade da filosofia nietzschiana. O Amor Fati é a adesão incondicional ao existir, a afirmação da vida como ela é, muito mais do que uma mera aceitação da realidade em que nos adequamos ao mundo sem qualquer pretensão de nele intervir com nossa força criativa. O Amor Fati, afirmação da existência em sua multiplicidade de signos, necessariamente exerce uma mudança prévia no modo de ser do sujeito, o que já é uma primeira transformação no mundo, a que nasce em nós mesmos. Nessa experiência trágica, nascida da compreensão do caráter inevitavelmente contraditório da vida, a pessoa se apropria das condições adversas da existência e faz de toda vivência um acontecimento prenhe de alegria, de reinvenção, de



criatividade, de ressignificação valorativa, para além de toda forma de determinação moral. Nietzsche apresenta primeiramente essa questão no § 276 de *A Gaia Ciência*:

*Amor Fati*: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja *desviar o olhar*! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! – (NIETZSCHE, 2003, p. 166).

O Sim que Nietzsche enaltece não é o esquálido “sim” da sociedade tecnocrático-moderna incapaz de viver sob a tensão da contradição das formas de vida e suas dificultosas relações. O Sim Trágico é negativo, pois reconhece as adversidades e características inexoráveis da realidade, e assim adere alegremente aos seus estamentos. Estamos assim muito distantes da “positividade tóxica” que exige de cada pessoa o compromisso moral em ser feliz, mesmo que o mundo esteja em colapso. A vivência do Amor Fati não nega jamais a dor, o luto e a tristeza como estados de ânimo que constituem inevitavelmente quem somos. Quando estamos imersos no Amor Fati, afirmamos inclusive nosso modo de ser, mesmo que desagradável para outrem, assim como aceitamos outrem como ele é, mesmo que desagradável para nós. O Amor Fati nos fornece um olhar condoreiro, observamos o mundo do alto da montanha e com a paciência conceitual que nos impede de agirmos impulsivamente ao gosto das emoções heteróclitas, por isso conseguimos assim ver a vida como um todo, inclusive aderindo ao que existe de ruim, já que bom e mal são perspectivas axiológicas que, na filosofia trágica, se pautam pela compreensão imanente do mundo. A sanha invasiva da “positividade tóxica”, por outro lado, exige sorriso falso, desprovido de tragicidade e de substancialidade, é apenas uma aparência vulgar para se manter a lógica da vida administrada incólume. A “positividade tóxica” quer retificar o mundo através de uma mendacidade moralista similar ao do proselitismo religioso hipócrita para que a ordenação da sociedade administrada não perda sua dinâmica sempre produtiva e acelerada.



Já em *Ecce Homo*, redigida como uma autobiografia filosófica em que a afirmação das dores existenciais exercem um poderoso papel formativo na sua personalidade, Nietzsche apresenta a experiência do *amor Fati* em outros detalhes axiológicos também convergentes com a afirmação incondicional dos signos contraditórios da vida:

Minha fórmula para a grandeza do homem é *amor Fati*: nada querer diferente, seja para trás, seja para a frente, seja em toda a eternidade. Não suportar apenas o necessário, menos ainda ocultá-lo – todo idealismo é mendacidade ante o necessário – mas amá-lo. (NIETZSCHE, 2001, p. 51).

Qualquer pessoa pode vivenciar o Amor Fati em sua existência, pois constantemente somos estimulados pelas circunstâncias ruins a fortalecermos nosso ânimo e assim encontrar um evento de júbilo onde uma pessoa pessimista encontraria dor. O Amor Fati é então uma espécie de reencantamento do mundo e das suas relações, de modo a estabelecer a alegria de viver como capacidade de se colocar acima das contingências usualmente categorizadas como desagradáveis. Cabe ressaltar que a sociedade moderna, especializada e racionalizada funcionalmente, dessacralizou o mundo e dele retirou os seus elementos intensivos que jamais foram plenamente recalçados pela tradição eclesiástica cristã. Com efeito, mesmo no establishment católico encontramos traços reconfigurados da antiga sabedoria pagã, revestidos com outras formas imagens, circunstância que evidencia a conexão ardente entre religiosidade arcaica e a simbologia católica. O puritanismo calvinista rompe com essa sacralização da vida ao estabelecer uma lógica instrumental ferrenha na intervenção mundana do ser humano em seus ofícios e em seu aproveitamento rentável do tempo e dos recursos.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> “O puritano genuíno ia ao ponto de condenar até mesmo todo vestígio de cerimônias religiosas fúnebres e enterrava os seus sem canto nem música, só para não dar trela ao aparecimento da superstição, isto é, da confiança em efeitos salvíficos à maneira mágico-sacramental. Não havia nenhum meio mágico, melhor

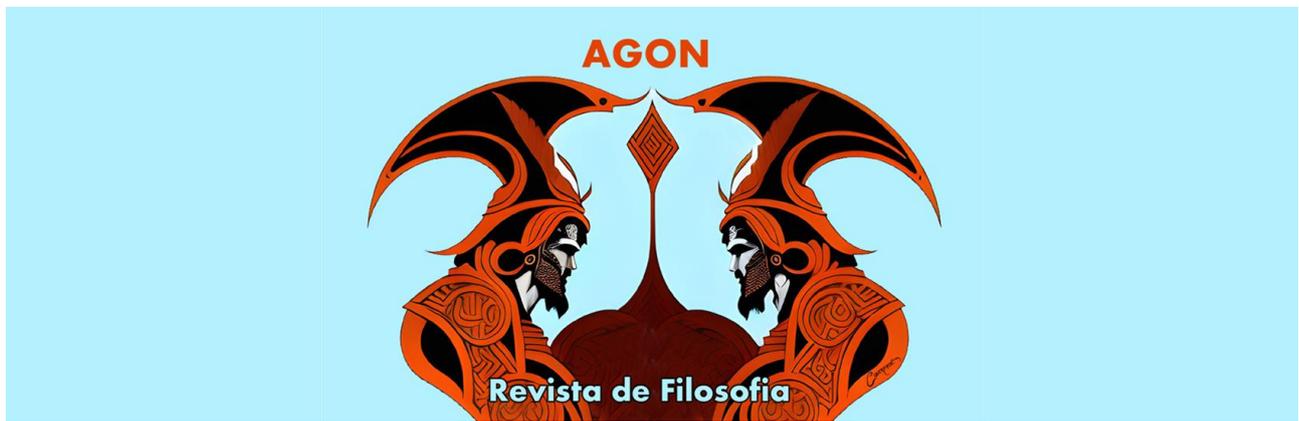


O Amor Fati não é estranho ao espírito religioso, pois a religiosidade é uma relação do homem com o sagrado, não importa sob qual denominação, promovendo inclusive uma experimentação religiosa que não é pautada pela relação de mando e de obediência, nem de submissão incondicional ao ordenamento divino em troca da obtenção de dádivas. Se as coisas acontecem pelo fato de que elas precisam acontecer, não há talvez o que mudar no mundo, o que é certamente bastante extremo para qualquer pessoa. Se não podemos mudar a ordem das coisas, ao menos a pessoa pode mudar a maneira como compreende essa disposição da vida concreta. Nem sempre podemos transformar as condições históricas da vida, e talvez assim seja melhor sorrir e fruir do que está ao nosso dispor. O Amor Fati promove assim um discernimento realista acerca das possibilidades do momento. Uma doença incurável pode certamente ser motivo de desespero para o padecente, e é compreensível que ele lide com tal situação-limite de maneira angustiada e tristonha. Porém, se porventura alguém acometido de doença terminal se dispõe a aproveitar intensamente o tempo de vida que lhe resta, essa experiência lhe dará conforto e alegria que são impossíveis de adequada quantificação. Talvez nesse momento extremo o padecente encontrará mais significação para sua vida do que em todo o restante de sua existência, aferrada aos estamentos regradas da sociedade administrada, alheia ao seu sofrer. Amar alguém de verdade é estar com ela não apenas em seu prazer, mas em seu sofrer.

Obviamente que a efetivação desse estado de espírito que modifica a forma de atuação na realidade exige uma transformação interior que favorece diretamente a condução da vida pessoal no mundo circundante mediante os signos da ética trágica, em que todas as experiências são compreendidas em perspectivas globais, amplas. O Amor Fati tal como

---

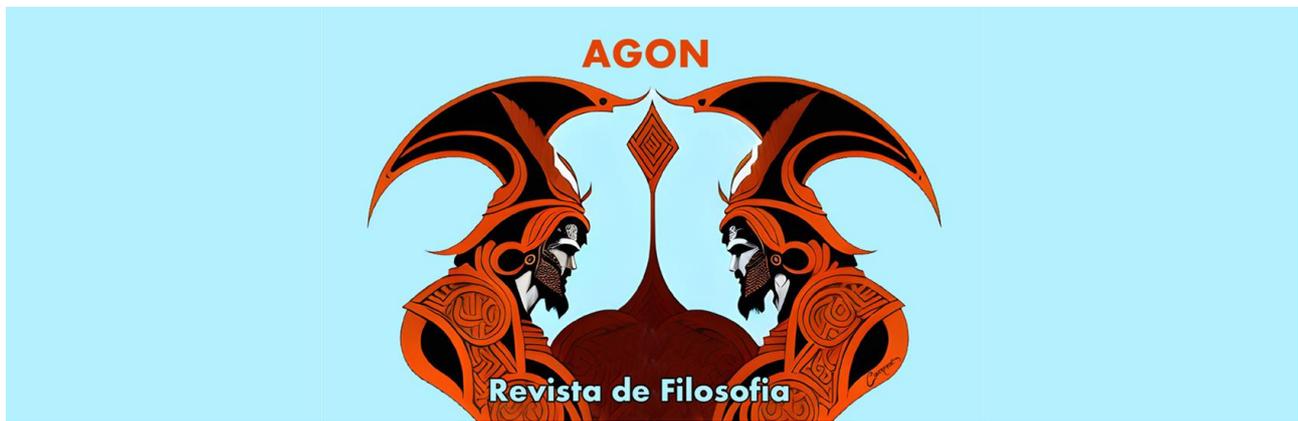
dizendo, meio nenhum que proporcionasse a graça divina a quem Deus houvesse decidido negá-la” (WEBER, 2004, p. 96).



abordado por Nietzsche não é um caminho fácil a se seguir, mas um estímulo para a mudança do pensamento perante o mundo, cuja consequência é a transformação da própria ação concreta. Para que se obtenha a capacidade de interpretar a vida sem os traços reativos da moralidade dicotômica, é necessário vencer o medo pessoal perante os desafios cotidianos da existência e aderir aos acontecimentos como experiências inigualáveis, retirando deles um aprendizado para o fortalecimento da criatividade pessoal.

### **AMOR FATI E AMOR RELACIONAL**

O Amor Fati problematizado por Nietzsche pode ser aplicado na abordagem sobre as relações afetivas. Usualmente tendemos a querer melhorar radicalmente as pessoas com as quais interagimos, muitas vezes moldando-as conforme nossas próprias valorações. Tudo aquilo que nos desagrada no outro não hesitamos em combater ferrenhamente para transformá-lo, sem levarmos em consideração que talvez tais características sejam as que estabelecem a singularidade de tal pessoa. A tendência é que exerçamos opressão sobre nosso parceiro, exigindo-lhe mudanças de acordo com nossas conveniências pessoais, circunstância que enfraquece a força amorosa e exaure a vitalidade do relacionamento. Se pretendermos modificar incondicionalmente o outro, fazemos em verdade um espelho de nós mesmos e asfixiamos essa pessoa com nossas determinações insalubres. Toda relação amorosa autêntica é um ajuste mútuo de qualidades, e assim como queremos mudar o parceiro, cabe-nos levar em conta que o parceiro talvez também queira nos modificar. Essa disposição é uma das molas fundamentais dos processos amorosos. Contudo, e se tivéssemos coragem de aceitar incondicionalmente o modo de ser da pessoa que amamos? E se porventura e desenvolvêssemos a capacidade de não apenas tolerar, mas de aceitar as características que imputamos como desagradáveis de nosso parceiro? Certamente esse procedimento insólito é extremamente difícil de ser aplicado na vida afetiva, mas talvez os



seus resultados práticos compensem o esforço por sua realização, pois não existe sucesso amoroso sem a superação de entraves existenciais. Uma relação amorosa substancializada é aquela em que nos conectamos com a pessoa amada sem que queiramos modificá-la. O Amor Fati na dinâmica amorosa assimila a dor, o trauma, o luto, assim como todas as circunstâncias desagradáveis que afastam as pessoas mesquinhas e moralmente esqueléticas, que somente aceitam os elementos consumíveis das relações afetivas, expressando assim o cretinismo existencial na qual se encontram.

O Amor Fati inserido nas relações afetivas não significa uma permissividade frouxa que tudo aceita, mas o respeito pela individualidade do outro, a compreensão de que existe uma potência criativa na pessoa amada que não pode jamais ser represada pelo amante, sob o risco de se anular sua própria personalidade. Vivenciar o *amor Fati*, inclusive, nos ajuda a lidarmos com a situação do término de um relacionamento quando este se torna impossível de continuar por fatores que somente o casal conhece. Relações amorosas que pela força das circunstâncias adversas e desagradáveis se encerram não podem jamais se tornar o túmulo existencial dos sujeitos, impedindo-os de amar novamente e desenvolver assim outras experiências afetivas que lhes forneçam um sentido para a existência. Não moralizar os erros da relação, não depreciar o parceiro, não amaldiçoar o momento em que se conheceu a pessoa que outrora foi amada, mas amar todas as circunstâncias que criaram a história de vida do casal amoroso, pois toda dor, todo desapontamento, todo desgaste emocional não são capazes de apagar da memória os momentos felizes que constituíram as existências conjugadas dessas pessoas que um dia se amaram genuinamente. Se o amor não pode ser eterno, que ao menos se afirme a intensidade do instante no qual a sua chama ardeu nos corações dos sujeitos amorosos.

Nietzsche, no seu *Assim falava Zaratustra*, apresenta um belo discurso sobre o poder agregador das palavras em sua difícil tarefa de conectar as pessoas em uma experiência comunicacional intrinsecamente artificial:



Não são as palavras e os sons os arco-íris e as pontes fictícias ligando aquilo que está eternamente separado? [...]. Não foram os nomes e os sons dados às coisas, para que o homem se recreasse com elas? É uma linda doidice a fala: graças a ela, o homem dança por cima de todas as coisas. Que aprazíveis são toda a fala e a mentira dos sons! Com os sons, o nosso amor dança sobre arco-íris multicores (NIETZSCHE, 1998, p. 255).

A relação amorosa se fundamenta não apenas nas percepções sensórias e na linguagem corporal, mas acima de tudo pela comunicação verbal, e essa, mesmo limitada semanticamente, é o suporte da interatividade interpessoal. Como representar por palavras nossas vivências mais recônditas, nossos afetos mais intensos? O amor nunca pode ser expresso convenientemente por palavras, mas é o esforço por comunicar esse afeto que concede ao discurso a sua dignidade, mesmo que muitas vezes não existam palavras adequadas para representar tal sentimento e tal estado existencial. Por isso o discurso poético, apesar de suas recorrentes metáforas e fabulações, é mais pertinente para expressar a intensidade dos afetos do que a linguagem prosaica ou o jargão científico. No amor, nem sempre a verdade fatural, em sua busca sôfrega por precisão descritiva, é a melhor maneira de se representar semanticamente a potência afetiva da pessoa, tornando-se até mesmo um disparate, uma ofensa, ao receptor, não obstante a honesta verdade pronunciada pelo falante amoroso. Imaginemos o quão extravagante seria alguém dizer para a pessoa amada os efeitos físicos que lhe são ocasionados pela sua contemplação mediante o uso de uma linguagem científica e, portanto, verdadeira. Portanto, na práxis amorosa, a verdade objetiva não faz sentido na constituição do relacionamento, mas a criatividade poética da linguagem, na qual a crueza da vida biológica é adaptada para a doçura retórica das belas palavras de amor, cuja intensa sutileza seduz e encanta o ouvinte apaixonado. A suave “mentira” do discurso amoroso vale mais do que a certeza fria da verdade fundamentada na evidência científica.



Na terceira dissertação da *Genealogia da Moral*, Nietzsche estabelece uma contundente crítica ao ideal ascético, dispositivo normativo da moral teológica que conduziu ao contínuo processo de degradação da experiência da corporeidade em prol da espiritualidade desvinculada do jogo imanente da vida concreta. Toda satisfação saudável dos prazeres carnis e a própria afirmação da dignidade da vida foram imputadas pelo sistema religioso negador de sensibilidade como pecados mortais que afastam o ser humano da sublimidade divina. Contra essa perspectiva cadavérica, Nietzsche apresenta a possibilidade de conciliação entre a castidade e a sensualidade, pois não há oposição necessária entre ambas as esferas: na verdade as duas são intrinsecamente complementares, e essa conciliação se constitui como a base de toda fruição feliz da existência. Existem momentos em que necessitamos de um acúmulo de forças vitais para a efetivação de uma obra de grande porte, a realização de um grande feito, circunstância que impede o dispêndio momentâneo de energias orgânicas, em um disciplinado exercício ascético que potencializa nossa capacidade de atuação criativa. Conforme a interpretação nietzschiana, o grande problema ético e fisiológico surge quando o ascetismo se torna um fim em si mesmo, como um projeto reativo contra a imanência da vida.

Na continuidade da argumentação acerca da relação entre castidade e sensualidade e sua má compreensão pelo espírito moralista que secciona as forças vitais entre puras e impuras, Nietzsche enuncia a ideia de que “todo bom casamento, todo verdadeiro caso amoroso está além dessa oposição” (NIETZSCHE, 1999, p. 88). Isso significa que a própria relação amorosa depende dessa ambivalência para perpetuar sua intensidade afetiva, pois na economia libidinal de uma interação conjugal não se consegue sustentar continuamente o dispêndio das forças eróticas, assim como uma vida conjugal sem reinvenção dos jogos sexuais tende a se tornar monocórdia, empobrecendo o relacionamento. Nessas condições, a sabedoria prática do casal conduz aos parceiros amorosos, em circunstâncias ótimas, a desfrutarem ao máximo as qualidades eróticas de ambos as polaridades, tornando assim a



vida sexual do casal mais plena, mais alegre, mais realizada. Eis assim uma filosofia da imanência em sua expressividade mais arrojada, pois reconhece que uma das maneiras de se organizar a forma de vida é através do ambiente microcósmino, a relação afetiva. E daí todas as circunstâncias maiores são modificadas. Nietzsche, filósofo que se manteve no decorrer de sua vida intelectual constantemente afastado das demandas práticas dos relacionamentos afetivos, contribui assim com reflexões candentes sobre a questão do amor, esse afeto primordial que talvez seja a força motriz que nos estimula a realizar as ações mais criativas e os empreendimentos mais extraordinários de nossa existência fugaz e contingente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Amor Fati é uma experiência que se fundamenta em uma ontologia imanente que realiza a sua indissociável tragicidade por não se caracterizar por nenhum suporte transcendente ao mundo em que vivemos, mesmo nas suas situações mais adversas. O Amor Fati não exige ascese nem se configura como resignação paralisada diante de todo evento aporético em nossa existência, mas uma adesão alegre ao que nos envolve ainda que de maneira particularmente desfavorável na sua imediaticidade. Daí a dificuldade de sua efetivação em nossa vida prosaica. Com efeito, quem consegue encontrar mesmo na dor um tônico de alegria de viver? Talvez uma das únicas possibilidades de se mitigar os impactos deletérios do ressentimento na afetividade humana seja através da apropriação do Amor Fati como eixo condutor da vida em sua complexidade relacional, e não são orações tampouco graças sobrenaturais que dão ao ser humano essa consciência trágica de uma existência caracterizada como afirmação plena do existir, com seus impasses e conflitos



## REFERÊNCIAS

**NIETZSCHE, Friedrich. ASSIM FALAVA ZARATUSTRA:** um livro para todos e para ninguém. Lisboa: Relógio d'Água, 1998.

\_\_\_\_\_. **ECCE HOMO:** como alguém se torna o que se é. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. A Gaia Ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **GENEALOGIA DA MORAL: uma polêmica.** Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. O nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

**WEBER, Max.** A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.